

## ECOS EPICURISTAS NAS ODES HORACIANAS

Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL, UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Daniel de Assis Soares (UERJ)

das.brasil@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo visa realizar um breve estudo sobre os resquícios da filosofia epicurista, nas Odes de Horácio, sob o viés da literatura latina. Primeiramente, abordaremos, na introdução, o que é epicurismo, sua origem, propagação e preceitos doutrinários. Em seguida analisaremos as Odes do poeta latino e as temáticas trabalhadas nelas como: a) brevidade da vida e a fugacidade do tempo retratadas pelo autor, através da natureza, por meio de paisagens representativas ou em seus ciclos eternos como as estações do ano, em um esquema de renovação (morte e reflorescimento), que contrastam com a vida humana, que é breve e finita; b) O justo meio termo (Aurea mediocritas) que é a procura pelo equilíbrio (moderação) entre coisas opostas, quer sejam materiais ou imateriais.

**Palavras-chave:** Literatura Latina, Horácio, ecos

## EPICURIST ECHOES IN HORACIAN ODES

**Abstract:** This article aims to make a brief study on the remnants of the epicurean philosophy in Horace's Odes under the bias of Latin literature. First we will address in the introduction what is Epicureanism, its origin, propagation and doctrinal precepts. Next we will analyze the Odes of the Latin poet and the themes worked on them as: a) brevity of life and the fugacity of the time portrayed by the author through the nature through representative landscapes or in its eternal cycles like the seasons of a year in a scheme of renewal (death and reforestation) that contrast with human life, which is brief and finite; b) The fair middle ground (Aureamediocritas) which is the search for equilibrium (moderation) between opposing things, whether material or immaterial.

**Keywords:** Latin Literature, Horace, Echoes

## ECOS EPICURISTAS NAS ODES HORACIANAS

O sol que havia sobre o Pártenon e a Acrópole

O que alumia os passos lentos e graves

De Aristóteles falando.

Mas **Epicuro** melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre

Tendo para os deuses uma atitude também de deus,

Sereno e vendo a vida

À distância a que está. (BELKIOR,1988, p.63 , grifo nosso)

Epicuro, filósofo grego citado por Ricardo Reis em sua ode “palidez do dia” é oriundo de Samos, onde nasceu por volta por volta de 341 a.C. Ele era influenciado por Demócrito e Nausiáfes, discípulo de Pirro. O primeiro o instruiu sobre o atomismo e o seguinte acerca da ausência da perturbação.

Epicuro começou a lecionar, em uma casa, que adquiriu conforme declara Ulmann:

“No ano 306a.C., transferiu-se para Atenas, lugar ideal para, como capital do pensamento, difundir suas ideias. Ali comprou o “Jardim”. Por essa razão, os seguidores eram denominados “filósofos do Jardim” ou “os do Jardim”(ULMANN, 2006, p. 20)

Neste lugar, os alunos e escravos cultivavam muitos tipos de legumes que eram servidos aos moradores daquela localidade. Seus alunos eram bem variados; a classe era composta de pessoas tanto do sexo masculino quanto do feminino. Também era haviam crianças, jovens e idosos. Todos o admiravam e o respeitavam isso foi o que favoreceu o êxito de Epicurismo.

O Epicurismo é uma doutrina filosófica baseada no atomismo. Ela procura entender os meios que governam o universo e o movimento. Também busca terminar com os temores do homem, como o poderio dos deuses, o fim da vida humana entre muitos outros, os quais levam embora a tranquilidade da alma, turbando-a e conduzindo a dor ao ser humano. Logo, tal filosofia tem por alvo o distanciamento da dor e a busca pelo prazer, entretanto, não de forma hedonista.

Para os Epicuristas , os constituintes de todas as coisas são os átomos, que se movem no vácuo. A verdade é conhecida pela sensação. Os objetos despreendem “simulacros”, feitos de átomos muito pequenos, que penetrando em nós, provocam uma paixão, entram em contacto com os átomos da alma, e assim a percepção sensual das ideias. (ROCHA PEREIRA, 2013, p.112)

Esta filosofia foi levada da Grécia para Roma por Lucrecio, que assim como os gregos, busca o conhecimento da natureza com a finalidade salvar o ser humano de devaneios, conforme ele próprio diz

Hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessest  
Non radii solis neque lucida tela diei  
Discutiant, sed naturae species ratioque<sup>1</sup>

É necessário, portanto, este terror e estas trevas da alma  
Não dos raios de sol, e nem a tela lúcida os dissipem,  
Mas as espécies da natureza e a razão. (Tradução nossa)

O pensamento epicurista é tão predominante em Roma que seus preceitos doutrinários se incidem na arte: a saber as odes horácianas.

### **A BREVIDADE DA VIDA E A FUGACIDADE DO TEMPO**

No poema IV do *Liber primum*, o eu-lírico discorre sobre a brevidade da vida contrastando-a com a natureza:

Solvitur acris hiems grata vice veris et Favoni,  
Trahuntque siccae machinae carinas,  
Ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni,  
Nec prata canis albicant pruinis.  
Iam Cytherea chorus ducit Venus imminet luna,  
Iunctaeque Nymphis Gratiae decentes  
Alterno terram quatunt pede, dum gravis Cyclopum  
Volcanus ardensurit officinas.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup><http://www.revistadelauniversidad-historico.unam.mx/historico/10222.pdf>

<sup>2</sup> HORÁCIO. **Odes e Epodos**. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu009646.pdf>. p.05

O acre<sup>3</sup> inverno (se) dissolve (passando) a grata vez  
a primavera e a Flavoni  
As máquinas tracionam as quilhas<sup>4</sup> secas  
E nem o ardor do fogo, nem os prados  
embranquecem com as geadas  
Já Vênus conduz os caros pela iminente lua  
Juntas com as Nymphas, e as graças descentes  
Batem a terra com o pé, (eu) alterno com o outro  
Vulcano ardente queima as oficinas do Ciclopes  
(Tradução nossa)

Horácio inicia a ode falando do fim do inverno e a chegada primavera, transmitindo a ideia de passagem, de renovação, ou seja, algo cíclico, fechado, sem fim, diferente da vida humana que é linear, ela começa e termina. Além disso, a mudança da paisagem com a chegada da primavera é uma referência à passagem (fugacidade) do tempo.

“A ansiosa percepção da fugacidade do tempo tem como pano de fundo [...] o eterno ciclo natural das estações de morte e reflorescimento, de que a vida do indivíduo não participa”. (CITRONI et al, 2006, p528)

Outro ponto a ser observado com a chegada da primavera, que desencadeia uma série de ações, todas com os verbos conjugados no tempo presente do modo indicativo. Isso demonstra a falta de preocupação do eu-lírico com o futuro e a aceitação do destino.

As máquinas **tracionam** as quilhas<sup>5</sup> secas  
[...]  
Já Vênus **conduz** os caros pela iminente lua  
Juntas com as Nymphas, e as graças descentes  
**Batem** a terra com o pé, (eu) alterno com o outro  
Vulcano ardente **queima** as oficinas do Ciclopes  
(Tradução nossa)

---

3Agudo, penetrante

4Madeira cortada em forma de quilha (espinha dorsal da embarcação)

5Madeira cortada em forma de quilha (espinha dorsal da embarcação)

Neste fragmento, o eu-lírico interage com as ninfas, aproveitando momento de felicidade e prazer proporcionados pelo destino, na visão epicurista nada pode turbar a apreciação do momento presente. Tal apreciação é justificada justamente pela brevidade da vida humana que ao contrário da natureza não se renova.

Em um trecho do poema VII do Liber Quartus, Horácio expressa convicção da transitoriedade:

[...]

Nos ubidecidimus

Quo pater Aeneas, quo dives Tullus et Ancus,

Pulvis et umbrasumus.<sup>6</sup>

Nós quando decidimos (ir para)

Onde o pai Éneias, rico Tulo e Anco (estão)

Poeira e pó somos (Tradução nossa)

Na ode I, XI endereçada a Leucone, o poeta horaciano trabalha muito bem a questão da fugacidade do tempo quando diz:

Tu nequaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi

Finem didederint, Leuconoe, nec Babylonios

Temptaris numeros. Ut melius quidquid erit pati,

Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,

Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare

Tyrrhenum: sapias, vina liques, et spatio brevi

Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida

Aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.<sup>7</sup>

“Tu não questiones, (porque) saber (é) nefano, que fim para mim, que fim para ti os deuses terão

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.67

<sup>7</sup> Ibidem, p.08

dedicado, Oh Leocone!, nem tenteis os números Babilônicos, seja o que for o melhor é alimentar. Ou atribui Júpiter muitos invernos ou o último”.

Saibas estas coisas: Agora o mar Tirreno debilitaante os rochedos opostos, Abandonarás os vinhos e num espaço breve (de tempo de vida) suprimas a Esperança longa. Enquanto falamos (pergunto), tinha fugido o invejoso tempo: aproveite o dia (e) (sejas) quão menos possível crédula no futuro. ”  
(Tradução nossa)

O poeta recomenda a Leocone para que não que não utilizasse nenhum recurso para saber sobre o destino, pois ao tentar seria nefano, ou seja, um ato pecaminoso. Para o eu-lírico o porvir é algo exclusivo aos deuses. Ainda segundo ele Jupiter poderia conceder muitos invernos ou último, Horácio mais uma vez faz um contraste entre o ciclo eterno da natureza e o tempo finito de vida humana.

Com relação à fugacidade do tempo o autor, mais uma vez, utiliza outra paisagem natural o Mar Tirreno, desta vez ele recorre a uma hipálage o que torna sua mensagem bem mais expressiva, ou seja, Horácio transfere o sentido, atribuindo a quebra ao mar ao invés das rochas.

Além da hipálage, o poeta latino faz uso de outro recurso estilístico para dar continuidade a mesma temática quando diz: “*Enquanto falamos, (pergunto) tinha fugido o invejoso tempo [...].* Ao se servir da prosopopeia, o autor atribui comportamento e sentimento humano a um ser inanimado (o tempo) com o objetivo de expressar o ligeiro deslocamento temporal.

Cabe ressaltar que o poeta expressa além de uma simultaneidade de ocorrências, também exprime um questionamento através de uma pergunta indireta “[...] (pergunto) *tinha fugido o invejoso tempo*”. Tal indagação leva a reflexão sobre o aproveitamento do tempo.

Em seguida, Horácio encerra com a ideia de desempenho e complementa o discurso inicial com relação ao futuro quando diz:

[...] *carpe diem, quam minimum credula postero*

Aproveite o dia, dia (e) (sejas) quão menos possível crédula no futuro.

## AUREAS MEDIOCRITAS

O poeta romano no poema X do líber secundus interage com Lícínio, aconselhando a viver de maneira moderada, sem muitas alegrias, amores, tristezas e etc, Tal equilíbrio na forma de conduzir a vida é uma referência ao “[...]o princípio aristotélico da merióteis – [...] é definido através da célebre designação : *aurea mediocritas*”. (CITRONI et.al, 2006,p.527).

Rectiusvives,Licini, nequealtum  
Semperurgendoneque, dum procellas  
Cautushorrescis, nimiumpremendo  
Litusiniquum.

Aureamquisquismediocritatem  
Diligit, tutus caretobsoleti  
Sordibustecti, caretinvidenda  
Sobrius aula.  
[...]<sup>8</sup>

Viverás reto<sup>9</sup>, Oh, Licínio!  
Nem o alto (mar)  
Nem sempre apertado (na costa)  
Tu tens horror as procelas<sup>10</sup>  
(por isso) o litoral cauto<sup>11</sup> (está) por exprêmer muito  
a ti  
Quem quer que a aureamediocritaestima  
O tutelado carece à miséria

---

<sup>8</sup>Ibidem, p.29

<sup>9</sup>De maneira justa, equilibrada

<sup>10</sup>Temporais, tormentas ou intranquilidade.

<sup>11</sup>Prudente, cauteloso, circuspecto

(Escaparé) do telhado obsoleto  
O sóbrio carece à inveja  
[...] (Tradução nossa)

No primeiro verso, o autor já inicia com uso do termo “Rectus” (Reto), o que indica a maneira de viver. Inicialmente podemos relacionar com o sentido de probo, integro ou direito, mas a capacidade de sugestão de Horácio por meio da linguagem nos leva a um sentido mais literal: “Reto”, ou seja, sem curvatura, sem tendências ou inclinações, sem paixões, vícios, ou ambições.

Seguindo este ideal, o autor expressa o equilíbrio entre a vida luxuosa e a vida miserável na esfera material conforme os versos abaixo:

[...]  
Aureamquisquismediocritatem  
Diligit, tutus caretobsoleti  
Sordibustecti, caretinvidenda  
Sobrius aula.  
[...] (Idem, Ibidem)

Quem quer que a aurea<sup>12</sup>mediocrita<sup>13</sup> estima  
O tutelado carece à miséria  
(Escaparé) da casa obsoleta<sup>14</sup>  
O sóbrio carece à inveja  
[...] (Tradução nossa)

Além da esfera material, o poeta também trabalha subjetivamente o mundo interior do sujeito, cuja atitude interna é abandonar o desejo de grandes propósitos, com o objetivo de eliminar a possibilidade de vir a sofrer magnas frustrações.

---

12Dourada, brilhante, valioso.

13Meio-termo, inferior, medíocre.

14Velha, em ruínas

[...]  
Saepius ventis agitatur ingens  
Pinus et celsa graviore casu  
[...] (Ibidem)

O pinheiro mais pesado do alto (se) agita  
frequentemente com os ventos ingentes e com a  
queda.

A fugacidade das glórias terrenas e das riquezas expressos por Horácio na (Ode II, X) emanam no poema XXX do *Liber tertius*:

Exegi monumentum aere perennius  
Regalique situ pyramidum altius,  
[...]<sup>15</sup>

Eregi um monumento com ar perene<sup>16</sup>  
E mais alto e real em lugar das pirâmides  
[...] (tradução nossa)

Nela, o autor instrui que a legítima glória é alcançada através de feitos que eternizam o ser humano. Segundo ele sua obra permanecerá para sempre, sendo mais sólida que o bronze e as pirâmides egípcias.

No poema XVI do *Liber secundus*, o poeta latino segue a mesma diretriz, viver sem excessos ou riquezas, apenas com o necessário, sem exageiros:

Vivitur parvo bene cui patrum  
Splendet in mensa tenuis alinum

---

<sup>15</sup>Ibidem, p.60

<sup>16</sup>Perpétuo, permanente, eterno ou duradouro.

Nec levisomnos timor aut cupido  
Sordidus aufert.  
[...]<sup>17</sup>

Vive com pouco e bem aquele a quem  
paterno saleiro esplende<sup>18</sup> à mesa tênue<sup>19</sup>  
e não lhe aufere<sup>20</sup> os sonhos, o temor, ou o  
sórdido (vício) ao desejo

Logo, a orientação de “viver de maneira moderada” de Horácio expressas pelas Odes (II,X) ; (III,XXX) e (II,XVI) é cortejada por Spalding quando diz:

Seu amor [de Horácio] pela **aurea mediocritas**, sua indiferença pelos poderosos e políticos o impelem, sem dúvida, para a filosofia do justo meio. A moral horaciana é a do bom sentido e da experiência e se cifra em gozar a vida moderadamente e em saber escolher os prazeres a fim de que não perturbem o espírito (SPALDING, 1968, p.107)

Enfim, a filosofia epicurista emerge com Epicúrio em Atenas, lugar fértil para o cultivo de ideias. Lá, Epicúrio adquiriu um jardim, onde começou a ensinar sua

---

17 Ibidem, p.33

18 Brilhante, proeminente.

19 Simples

20 Toma, rouba, arrebatada.

doutrina. Seus discípulos eram crianças, jovens e adultos. O mestre tinha a admiração e o respeito de seus alunos e essa foi à causa de seu sucesso.

O Epicurismo era uma corrente filosófica estruturada no atomismo e procurava entender os modos de funcionamento do universo e o que o movimentava. Além disso, busca encerrar com os temores humanos como: o poder dos deuses e a morte, os quais turbam a alma humana trazendo sofrimento.

Esta filosofia rompeu as fronteiras gregas chegando a Roma por meio de Lucrécio, que assim como os gregos, buscava o conhecimento da natureza, com fim de livrar o ser humano das dores. A visão epicurista se propagou de tão maneira entre os romanos, que a arte refletiu os valores epicuristas como pode ser percebido nas Odes de Horácio.

Nestas Odes, o eu-lírico apresenta reflexões sobre a brevidade da vida e a fugacidade do tempo, tendo como pano de fundo a natureza. Através dela o poeta latino expressa a percepção da passagem do tempo. Também pela mudança da paisagem em meio às estações, o autor apresenta um ciclo natural e eterno de morte e reflorescimento, que ele contrasta com a vida humana que é linear, finita e breve.

Em função da brevidade da vida humana, Horácio ensina através de suas Odes que o momento presente tem que ser aproveitado, não de maneira hedonista, mas com moderação. Sem excessos, seja de prazeres, tristezas, risos ou alegrias.

Outro ensinamento do autor é a condenação da inquietação acerca do futuro, pois para ele além de ser nefano saber sobre isso, traria perturbação para a alma. O poeta recomenda deixar o amanhã a cargo dos deuses.

Cabe ressaltar que para a filosofia epicurista não são apenas os medos humanos ou meramente os excessos de alegria, prazeres ou tristezas que causam dor e sofrimento a alma do ser humano, mas também a demasia de riquezas ou miséria e a busca desenfreada pelas glórias terrestres. Estes preceitos são conhecidos como áureas mediocritas ou o justo meio termo.

Portanto, a partir das leituras desta Ode, depreendemos que elas ecoam a filosofia de Epicúrio aos moldes horácianos, isto é refletem ensinamentos contemporâneos ao autor. Tais ensinamentos reduzem toda doutrina epicurista em uma só palavra: moderação, ou seja, tudo o que estiver em desequilíbrio, seja material ou imaterial, estará em desarmonia e sem dúvida, turbará o espírito humano.

## **REFERÊNCIAS**

BÉLKIOR, Silva. **Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa**- Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.

CITRONI, M. et al., **Literatura da Roma Antiga**, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 2006

HORÁCIO. Publico **Odes e Epodos**. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/texto/gu009646.pdf>

LUCRÉCIO. **De Rerum Natura**. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad-historico.unam.mx/historico/10222.pdf>

ROCHA PEREIRA, Maria Helen., **Literatura da Roma Antiga**, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 2006

PERRONE MOISÉS, Leyla. [Orelha] In: PESSOA, Fernando. **Poesia**: Ricardo Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Pequeno dicionário de literatura latina**. São Paulo: Cultrix, 1968.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.